

O FASCÍNIO DO OPINIÃO*

Vani Moreira Kenski

Para um determinado grupo de pessoas o simples pronunciar de um nome, o de um jornal alternativo dos anos 70 — Opinião — gerava uma reação visível. Reação que não era demonstrada somente em palavras, mas em gestos e expressões faciais que denunciavam a existência de emoções, possivelmente ligadas à época em que o jornal estava em circulação.

Essa reação foi uma das pistas que orientou a formulação de questões para a pesquisa sobre o jornal *Opinião*. Mais importante do que um estudo sobre o jornal exclusivamente, considere a importância e a necessidade de investigar o fascínio desencadeado pelo jornal *Opinião* em seus leitores, a partir de um retorno a estes momentos do passado.

A pesquisa teve início com a obtenção de depoimentos de leitores — selecionados em diversos pontos do território nacional e em diversas áreas profissionais — e de jornalistas e intelectuais ligados ao jornal. Nesses relatos a preocupação maior era a de que os depoentes apresentassem suas “histórias de vida”; o que faziam, o que pensavam e, sobretudo, o que sentiam na época em que eram leitores ou se relacionavam profissionalmente com o jornal.

A partir desses depoimentos procurei reproduzir o “clima” existente na época em que o *Opinião* circulava (1972-1977). O que ficou evidenciado, no estudo dos relatos dos leitores, foi a similaridade existente em seus comportamentos, ainda que estivessem isolados em diversos pontos do país, alguns no exterior. Todos, praticamente, sentiam uma mesma espécie de angústia, sentiam medo diante das ameaças do regime repressor, e se relacionavam com o *Opinião* de maneira semelhante, na época.

Em seus relatos, os entrevistados privilegiaram as lembranças do momento político, a atuação em movimentos clandestinos, o ambiente repressivo existente nas universidades e a ação truculenta do regime contra seus supostos opositores. Foi levantada também a própria história do jornal em meio a esse clima opressivo, as manobras que os redatores utilizavam para driblar a censura, a formação de suas equipes e as relações que o *Opinião* mantinha com os leitores.

A análise do contexto em que se deu o relacionamento emocionado dos leitores com o jornal levou à formulação de três possibilidades para a ocorrência deste tipo de *fascínio*. A primeira delas era a de que essa situação estaria ligada à própria materialidade do jornal que, por si só, teria condições de despertar e manter uma elo afetivo com os seus leitores. A segunda possibilidade era a de vincular o *fascínio* pelo *Opinião* como decorrente do regime político repressivo da época. A terceira seria a de explicar a situação como derivada das próprias necessidades psíquicas dos sujeitos fascinados.

Baseando-me na proposta teórico-metodológica não-dogmática de Dieter Prokop, procurei caminhos de análise que melhor explicassem a questão do *fascínio*, considerando cada uma das três possibilidades levantadas.

Para a análise de cada uma dessas alternativas foram feitos estudos especiais. O estudo da materialidade do jornal, por exemplo, foi desenvolvido a partir da leitura gráfica do *Opinião* — suas capas, ilustrações, caricaturas, produção e disposição gráfica dos textos. Para esse estudo buscou-se o referencial teórico em Roland Barthes, Bakhtin e Umberto Eco.

* Tese de Doutorado, FE/Unicamp, 1990.

Para a análise dos comportamentos dos sujeitos em uma situação de dominação foram utilizadas as abordagens desenvolvidas por uma nova geração de teóricos críticos do capitalismo — em sua maioria, alemães — através dos princípios defendidos pela Etnopsicanálise (na visão de Mario Erdheim); a Psicologia Social Analítica Freudiana moderna (segundo Helmut Dahmer, principalmente), a Política de Massas (através das contribuições de diversos autores críticos do capitalismo) e pela própria Teoria Psicanalítica Freudiana (através dos escritos de Freud, Anna Freud e Lacan).

Para a análise dos comportamentos e das preferências jornalísticas dos leitores no momento atual, a opção teórica foi a utilização das abordagens pós-modernistas defendidas por Baudrillard, Eco, Lyotard e Vattimo.

Torna-se difícil, neste momento, abordar em termos gerais e riqueza de considerações obtidas através dos diversos procedimentos de análise. Em síntese, foi considerado que o *fascínio* despertado pelo jornal *Opinião*, em princípio, estava ligado à forma ambivalente com que o jornal procurava se manifestar em suas publicações e à sua história de resistência às violências praticadas pela ditadura. Nesse sentido, o jornal *Opinião* é visto como símbolo de uma época. Figura mítica na qual foi depositada uma energia, um poder, uma força, uma história carregada dos sentimentos reprimidos por uma grande parcela dos que se opuseram à ditadura e que extrapola, em muito, a própria materialidade do jornal.

Compreendeu-se, também, que o *fascínio* despertado pelo *Opinião* não dependeu apenas da excelente qualidade jornalística apresentada pelo jornal, embora este seja um dos fatores determinantes para que o sentimento ocorra. Não dependeu, também, das relações sociais e políticas alteradas, impostas pela ditadura, embora estas sejam o pano de fundo que vai possibilitar o investimento afetivo dos leitores no jornal.

O *fascínio* pelo *Opinião* é, antes de tudo, um fenômeno subjetivo e social. Os leitores "em massa" projetam sobre um mesmo objeto — no caso, o jornal *Opinião* — as suas fantasias de participação e de expressão de opinião, suas angústias e seus medos reprimidos. Em um momento de extrema repressão — em que a sociedade como um todo não conseguia dizer o necessário em defesa de seus direitos legítimos — o *Opinião* vai desencadear, na interioridade desses leitores, os sentimentos de identificação e de luta simbólica contra a ditadura.

O *fascínio* dos leitores pelo jornal faz com que, ainda hoje, a magia permaneça em torno do seu nome. Para quem viveu a época criou-se uma espécie de linguagem particular. O nome *Opinião* tornou-se um código comum que todos entendem. Permaneceram implícitos ao nome do jornal uma atitude, um sentimento, um posicionamento de luta contra o poder instituído e, de acordo com as vivências e as fantasias de cada um, muitos outros sentidos particulares, ligados a fatos marcantes ocorridos com essas pessoas, na mesma época em que se relacionavam com o jornal. O *Opinião* tornou-se um "fetiche", objeto simbólico de investimento dessa energia sublimada existente na massa de leitores, e que permanece.